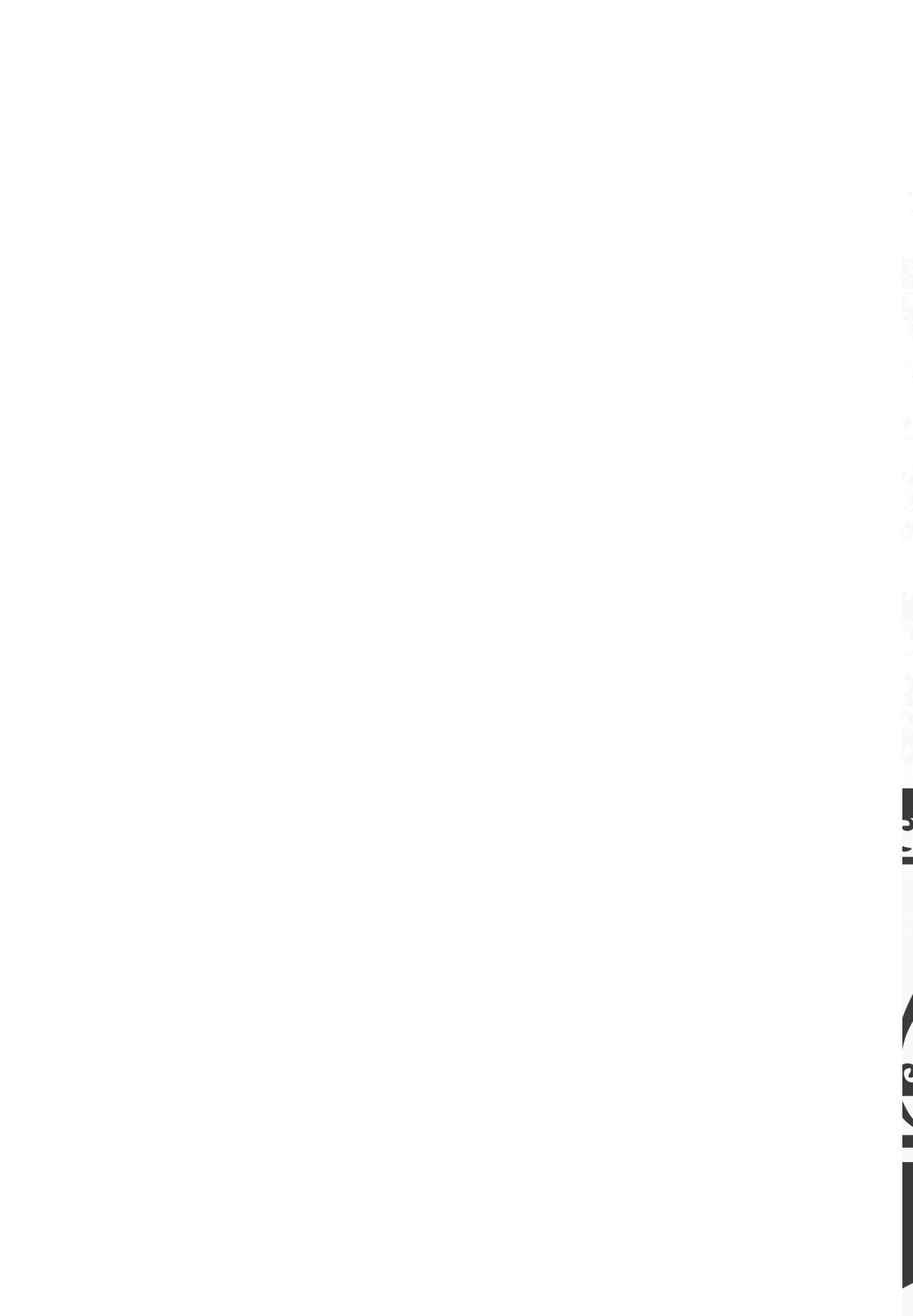


FIÓDOR DOSTOIÉVSKI

Noites Branças





FIÓDOR DOSTOIÉVSKI

Noites Branças

TRADUÇÃO
ROBSON ORTLIBAS



Principis

Esta é uma publicação Principis, selo exclusivo da Ciranda Cultural
© 2019 Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda.

Traduzido do original em russo
Белые ночи

Produção e projeto gráfico
Ciranda Cultural

Texto
Fiódor Dostoiévski

Imagens
Kamieshkova/Shutterstock.com;
Gleb Guralnyk/Shutterstock.com;
AKaiser/Shutterstock.com;
Potapov Alexander/Shutterstock.com;
Vladimir Zadvinskii/Shutterstock.com;
Fona/Shutterstock.com;
alex74/Shutterstock.com;

Tradução
Robson Ortlibas

Preparação
Thais Henriques Souza Silva

Diagramação e revisão
Casa de ideias

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

D724n	Dostoiévski, Fiodor
	Noites brancas / Fiodor Dostoiévski ; traduzido por Robson Ortlibas. - Jandira, SP : Principis, 2019. 80 p. ; 16cm x 23cm.
	Tradução de Белые ночи Inclui índice. ISBN: 978-65-509-7028-4
	1. Literatura russa. 2. Fiodor Dostoiévski. I. Robson Ortlibas. II. Título.
2019-2187	CDD 891.7 CDU 821.161.1

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura russa 891.7
2. Literatura russa 821.161.1

1ª edição em 2019

www.cirandacultural.com.br

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, arquivada em sistema de busca ou transmitida por qualquer meio, seja ele eletrônico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização do detentor dos direitos, e não pode circular encadernada ou encapada de maneira distinta daquela em que foi publicada, ou sem que as mesmas condições sejam impostas aos compradores subsequentes.

*... Ou ele foi criado para ficar,
Nem que fosse por um momento,
Na vizinhança do seu coração?*

Ivan Turguêniev

Sumário

NOTA	9
PRIMEIRA NOITE	10
SEGUNDA NOITE.....	24
A HISTÓRIA DE NÁSTIENKA.....	43
TERCEIRA NOITE	56
QUARTA NOITE.....	65
MANHÃ.....	77



Nota

O romance sentimental Noites brancas é uma das obras mais líricas de Dostoiévski.

A prosa de Fiódor Mikhailovitch é extraordinariamente poética, musical e, hoje, mais uma vez, conduz o leitor ao encontro entre Nástienka e o Sonhador às margens do canal Fontanka...



Primeira Noite

Estava uma noite maravilhosa, dessas que só pode haver quando somos jovens, caro leitor. O céu estava tão estrelado, tão claro que, ao fitá-lo, naturalmente se fazia necessário perguntar: será possível sob um céu desses viver tanta gente amargurada e cheia de caprichos? Essa é uma pergunta juvenil, caro leitor, muito juvenil, mas Deus a envia frequentemente! Falando sobre os diversos senhores amargurados e caprichosos, eu não poderia deixar de lembrar da minha boa conduta durante esse dia. Logo pela manhã, uma estranha angústia começava a me atormentar. De maneira repentina, parecia-me que todos iriam me abandonar e me virar as costas. Claro, qualquer um está no direito de perguntar quem são esses todos. Pois moro em São Petersburgo já há oito anos e não fui capaz de fazer quase nenhuma amizade. Mas para que amizades? Mesmo com essa falta, toda Petersburgo é minha conhecida. Por essa razão, eu tinha a impressão de que me abandonavam: pelo fato de toda a cidade estar se apressando para rapidamente partir à *datcha*¹. Comecei a temer a solidão e, por três

1 Casa de veraneio russa. (N.T.)

dias inteiros, vaguei pela cidade em profunda angústia, definitivamente sem saber o que fazer de mim. Fosse eu à Nievski, ao jardim, ou andasse pela margem do canal, não havia sequer uma única pessoa daquelas que era costume encontrar no mesmo lugar e na mesma hora durante o ano. Claro, elas não me conheciam, mas eu as conhecia. Eu as conhecia intimamente, praticamente estudei suas fisionomias, me deleitava ao vê-las alegres e me punha melancólico por estarem entristecidas. Eu quase fiz amizade com um velhinho que encontrava todos os dias, sempre na mesma hora, no Fontanka². Uma fisionomia tão pomposa, pensativa, sempre falando baixinho, acenando com a mão esquerda e na direita levava uma longa bengala de madeira retorcida com um castão dourado. Ele até mesmo me notava e demonstrava um verdadeiro interesse por mim. Se acontecesse de eu não estar na mesma hora, naquele mesmo lugar no Fontanka, tenho a convicção de que ele ficaria melancólico. É por isso que, às vezes, ficávamos muito perto de nos cumprimentar, sobretudo quando ambos estávamos de bom humor. Recentemente, quando havia dois dias que não nos víamos e no terceiro nos encontramos, já estávamos determinados a nos cumprimentar, levando as mãos aos chapéus, mas abandonamos a ideia, refletimos a tempo de baixar as mãos e cordialmente passamos um pelo outro. As casas também são minhas conhecidas. Conforme eu caminho, é como se cada uma corresse à minha frente na rua, com todas as suas janelas a me observar, quase dizendo: “Olá, como está a sua saúde? Graças a Deus, estou saudável e, em maio, ganharei mais um andar”, ou: “Como está a sua saúde? Amanhã estarei em reforma”, ou: “Quase fui destruída pelo fogo e fiquei tão assustada”, etc.

2 Canal, afluente do rio Neva, que corta o centro da cidade de São Petersburgo. (N.T.)

Dentre elas, tenho minhas preferidas, as amigas mais chegadas. Uma delas tem a intenção de tratar-se com um arquiteto no verão. Tenho a intenção de vir visitá-la todos os dias para que não a tratem de maneira qualquer, que Deus a proteja! Mas nunca me esquecerei da história com uma bela casinha cor-de-rosa claro. Era uma casinha de pedras tão graciosa, para mim olhava de modo tão afável e para as suas desajeitadas vizinhas de maneira tão altiva, que o meu coração se alegrava quando acontecia de eu transitar por ali. Na semana passada, quando andava pela rua, olhei para a minha amiga e ouvi um grito lamentoso: “Estão me pintando com tinta amarela!”. Canalhas! Bárbaros! Não pouparam nada: nem as colunas, nem os beirais e minha amiga ficou amarela feito um canário. Por pouco não transbordei de cólera diante dessa situação e, até agora, não tive forças para ir visitar a minha pobrezinha desfigurada, que pintaram da cor do Império Celestial³.

Entende então, leitor, como estou familiarizado com toda a Petersburgo?

Eu já disse que fiquei tomado de inquietação por três dias inteiros, enquanto tentava adivinhar o seu motivo? Na rua eu não me sentia bem (aquele não está, este também não, para onde foi aquele outro?) e até mesmo em casa eu me sentia alheio. Por duas noites refleti: o que me falta no meu recanto? O que fazia ser tão desconfortável permanecer nele? E com perplexidade examinava as suas paredes verdes e cobertas por fuligem, o teto forrado por teias de aranha, que Matriona cultivava com grande sucesso. Reexaminei toda a minha mobília, examinei cada cadeira, indagando se não estava ali o problema

3 Nome dado ao Império Chinês; na bandeira da Dinastia Qing, havia um dragão representado sobre um fundo amarelo. (N.T.)

(porque se houvesse uma cadeira fora de lugar, eu ficaria fora de mim). Olhei pela janela, mas em vão... nada parecia ajudar! Eu até chamei Matriona e, ali mesmo a repreendi por conta das teias e pelo desleixo em geral, mas ela apenas olhou para mim surpresa e foi-se embora sem responder uma única palavra, de modo que as teias permanecem intactas. Somente hoje, pela manhã, finalmente descobri do que se tratava. Ah! Pois estão batendo em retirada para a *datcha*! Desculpem-me a forma simplória de expressar, mas eu não estava à altura de algo melhor... afinal, todos os habitantes de Petersburgo ou já haviam partido para o campo ou estavam prestes a partir. Qualquer homem de boa e respeitável aparência, tendo à disposição um cocheiro, configurava a meu ver um respeitável pai de família que, após os seus habituais deveres profissionais, seguia de mãos abanando para o seio de sua família no campo. Agora cada transeunte já ganhara uma aparência completamente diferente prestes a dizer a cada um que encontrasse: “Senhores, estamos aqui apenas de passagem, dentro de duas horas iremos à *datcha*”. De vez em quando, abria-se uma janela onde tamborilavam uns dedinhos finos e brancos como açúcar e em seguida surgia a cabecinha de uma bela moça chamando pelo vendedor de vasos de flores. Ali, naquele momento, entendi o porquê de se comprar essas flores, isso é, certamente não era apenas para desfrutá-las durante a primavera em um quarto abafado da cidade, mas porque logo todos estariam partindo às *datchas* e as levariam consigo. Além disso, já fiz tantos progressos com o meu novo e especial tipo de descobertas, que eu poderia, de primeira, indicar precisamente quem vivia em cada uma das *datchas*. Os habitantes das ilhas Kamenny e Aptekarsky ou da estrada de Peterhof, se diferenciavam pela elegância estudada de seus modos, seus exuberantes trajés de

verão e suas maravilhosas carruagens, nas quais chegavam à cidade. Os moradores de Pargolovo e seus arredores, à primeira vista, “inspiravam” sensatez e seriedade. O visitante da ilha Krestovsky distinguia-se pela aparência calma e alegre. Às vezes, dava sorte de encontrar uma longa procissão de carroceiros, que seguiam, indolentes, de rédeas nas mãos ao lado das carroças carregadas com verdadeiras montanhas de todo tipo de móveis, mesas, cadeiras, sofás turcos e não turcos, entre outros aparatos domésticos, por cima dos quais por vezes instalava-se bem no topo da carroça uma mirrada cozinheira, protegendo os bens do patrão, como se fossem a menina dos olhos. Eu observava os barcos lotados de aparatos domésticos deslizando pelo Neva ou pelo Fontanka até o rio Tchiôrnaya ou até as ilhas. As carroças e barcos surgiam às dezenas, às centenas perante meus olhos. Parecia que tudo se aprontava e partia, tudo se movia em caravanas inteiras para o campo. Parecia que toda a Petersburgo estava ameaçada de se tornar um deserto, de tal modo que me senti constrangido, ofendido e triste. Definitivamente, para mim não havia nem motivos nem *datcha* para onde ir. Eu estava pronto para ir com qualquer uma das carroças, partir com qualquer um de aparência respeitável e com seu cocheiro; mas nem um, absolutamente ninguém me convidou, como se esquecessem-se de mim, como se para eles eu fosse um completo estranho!

Andei bastante e por muito tempo, tanto que até consegui, como de costume, esquecer-me de onde estava. Foi quando me deparei com o posto fronteiro. No mesmo instante, alegrei-me e passei pela barreira, fui por entre as plantações e os prados, não estava cansado, mas apenas sentia com todo o corpo que um fardo me deixava a alma. Todos os transeuntes olhavam-me de modo tão amigável que estavam praticamente

a me saudar. Todos estavam tão alegres com algo e todos, sem exceção, fumavam charutos. Eu estava tão alegre, como nunca estive. De modo inesperado, me vi como se estivesse exatamente na Itália, tão forte foi a maneira com que a natureza impressionou este pobre cidadão, quase sufocado pelas paredes da cidade.

Há algo inexplicavelmente tocante na natureza de Petersburgo quando, com a chegada da primavera, ela manifesta em um impulso toda a sua força, todos os seus poderes concedidos pelo céu, rompe em cores e reveste-se de flores. Sem que eu possa perceber, ela me faz lembrar daquela moça franzina e enferma, para a qual você olha às vezes com pena, às vezes com algum amor compassivo, às vezes simplesmente não a nota, mas que, em um instante, de maneira inesperada e inexplicável, se torna maravilhosamente bela e você, impressionado e fascinado, involuntariamente pergunta a si mesmo que força põe esses olhos tristes e pensativos a brilharem com tal fogo? O que faz agitar o sangue nessas bochechas pálidas e mirradas? O que faz exalar a paixão nesse rosto delicado? De que tanto palpita esse peito? O que provocou, assim de repente, força, vida e beleza no rosto dessa pobre moça, deixando-lhe reluzente com esse sorriso e vivaz com esse riso que reverbera e cintila? Você olha ao redor, procura por alguém, desconfia... Mas o momento passa e pode ser que amanhã mesmo você reencontre esse mesmo olhar pensativo e distraído, o mesmo rosto pálido, aquela mesma resignação e timidez nos movimentos e até certo remorso, até mesmo vestígios de uma angústia cruel e do enfado após um entusiasmo momentâneo... E você lamenta, que de maneira tão rápida e irremediável se desvanece essa fugaz beleza, que tão vã e ardilosa brilhava à sua frente, lamenta que não houve sequer tempo para amá-la.